

AMÓS OZ

Mais de uma luz

Fanatismo, fé e convivência no século XXI

Tradução do hebraico

Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Amós Oz
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
תשובה לקנאים

Capa
Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação
Cláudia Cantarin

Revisão
Clara Diamant
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Oz, Amós.

Mais de uma luz: Fanatismo, fé e convivência no século XXI /
Amós Oz; tradução do hebraico Paulo Geiger. — 1ª ed. — São
Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2937-9

1. Conflito árabe-israelense 2. Ensaios 3. Fanatismo 4. Fé 5.
Israel – Política e governo 6. Judaísmo 7. Palestina – Política e gover-
no I. Título.

17-04561

CDD-892.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios: Literatura israelense

892.4

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Introdução	9
Caro fanático	11
Luzes e não [uma só] luz	48
Sonhos de que Israel deve se livrar rapidamente	105
<i>Agradecimentos</i>	129
<i>Referências bibliográficas</i>	133

Introdução

Três artigos que não foram escritos por um pesquisador, nem por um especialista, mas por um homem engajado cujos sentimentos às vezes também se envolvem.

A conexão entre os artigos é meu desejo de lançar um olhar pessoal em temas que, entre nós israelenses, estão mergulhados em grande polêmica, alguns dos quais são para mim questão de vida ou morte.

Estes artigos não têm a pretensão de abordar todas as facetas de cada controvérsia, de explorar todos os seus componentes, e certamente não pretendem ser a palavra final, mas buscam, sim, principalmente, a atenção daqueles cujas ideias são diferentes das minhas.

Amós Oz

Caro fanático

Então, como curar os fanáticos? Uma coisa é sair em perseguição a um bando de fanáticos armados nas montanhas do Afeganistão, nos desertos do Iraque ou nas cidades da Síria. Outra, completamente diferente, é combater o próprio fanatismo. Não tenho nenhuma nova proposta a fazer em relação às guerras nas montanhas e no deserto ou às perseguições on-line. Mas eis aí algumas ideias quanto à natureza do fanatismo e aos caminhos para contê-lo.

O ataque às Torres Gêmeas em Nova York no Onze de Setembro de 2001, bem como as dezenas de atentados em pleno centro de cidades e lugares de grande aglomeração em diversas partes do mundo, não se originou da ira dos pobres contra os ricos. A brecha entre a pobreza e a riqueza

é um mal antigo, mas a nova onda de violência não é apenas — nem principalmente — uma reação a ela. (Se assim fosse, os ataques terroristas teriam vindo de terras africanas — que são as mais pobres — e teriam como alvo a Arábia Saudita e os emirados do Golfo, as mais ricas de todas.)

Essa guerra está sendo travada entre fanáticos, convencidos de que seus fins santificam todos os meios, e todos os outros, que têm para si que a própria vida é um fim, e não um meio. É uma luta entre os que afirmam que a justiça, seja qual for essa coisa à qual se referem quando pronunciam a palavra “justiça”, é mais importante do que a vida, e aqueles para quem a própria vida tem precedência sobre muitos outros valores.

Desde que o pesquisador Samuel Huntington definiu o atual campo de batalha mundial como “guerra de civilizações”, travada sobretudo entre o Islã e a cultura ocidental, grassa em muitos lugares uma visão de mundo racista, segundo a qual há um embate entre “selvagens terroristas” e “pessoas de cultura” ocidentais. Essa não é a descrição de Huntington, mas é a sensação que mais se difunde de suas palavras.

Para o governo israelense, por exemplo, é muito confortável apoiar-se nesse estilo de banguê-banguê barato, pois lhe permite enfiar a luta do povo palestino por seu direito de se libertar do jugo da conquista israelense na mesma “lixeira” indecente da qual emergem, sem parar, assas-

sinos muçulmanos fanáticos que praticam atrocidades no mundo inteiro.

Muitos esquecem que o Islã radical não detém nenhum monopólio sobre o fanatismo violento. A destruição das Torres Gêmeas em Nova York e os massacres que continuam a acontecer em diversos lugares do mundo não estão necessariamente ligados às questões do tipo o Ocidente é bom ou mau? A globalização é uma bênção ou um monstro? O capitalismo é abominável ou óbvio? A secularidade e o hedonismo são sujeição ou libertação? O colonialismo ocidental acabou ou só adotou um novo formato?

A todas essas questões podem ser dadas respostas diferentes e contraditórias sem que nenhuma delas seja uma resposta fanática. O fanático nunca entra em um debate. Se ele considera que algo é ruim, se para ele está claro que algo é ruim aos olhos de Deus, seu dever é liquidar imediatamente aquela abominação, mesmo que, para isso, tenha de matar seus vizinhos ou quem mais por acaso estiver por perto.

O fanatismo é muito mais antigo do que o Islã. Mais antigo do que o cristianismo e o judaísmo. Mais antigo do que toda ideologia que existe no mundo. É um fundamento fixo na natureza dos seres humanos, um “gene mau”: os que explodem uma enfermaria onde se realizam abortos, os que assassinam imigrantes na Europa, os que assassinam mu-

lheres e crianças judias em Israel, os que põem fogo numa casa com uma família palestina inteira dentro, pais e filhos, em terras conquistadas por Israel, os que profanam sinagogas e igrejas e mesquitas e cemitérios, tudo isso talvez realmente difira da Al-Qaeda e do Estado Islâmico no âmbito e na gravidade de seus atos, mas não na natureza dos crimes. Atualmente é comum se mencionarem os “pecados do ódio”, porém seria melhor ser mais exato e usar a expressão “pecados do fanatismo”. Esse tipo de pecado é cometido quase diariamente, contra muçulmanos também.

Genocídio e jihad e cruzadas, Inquisição e gulags e campos de extermínio e câmaras de gás, porções de tortura e atentados terroristas indiscriminados, nada disso é novidade, e quase todos esses tipos de manifestação antecederam em muitos séculos a ascensão do Islã radical.

Quanto mais difíceis e complexas se tornam as perguntas, tanto mais cresce a avidez por respostas simples, respostas com uma única sentença, respostas que apontem sem hesitação os culpados por todos os nossos sofrimentos, respostas que nos assegurem de que, uma vez que eliminemos e exterminemos os malvados, imediatamente todos os nossos tormentos desaparecerão.

“É tudo consequência da globalização!”, “A culpa é dos muçulmanos!”, “Tudo isso é por causa da permissividade!”, ou “por causa do Ocidente!”, ou “por causa do sionismo!”, ou “por causa desses imigrantes!”, ou “por causa da seculari-

dade!”, ou “por causa dos esquerdistas!” — tudo o que se tem de fazer segundo essas alegações é apagar o que se acha estar sobrando, marcar com um círculo que lhe pareça o mais correto, depois ir lá e matar esse satã (acompanhado dos seus vizinhos ou de quem por acaso estiver por perto), e assim abrir de uma vez por todas os portões do paraíso.

Cada vez mais, para muita gente, o sentimento público mais forte é o de profunda repulsa. Uma aversão subversiva a todo “discurso hegemônico”, aversão ocidental ao Oriente, aversão oriental ao Ocidente, aversão secular aos crentes, aversão religiosa aos seculares — uma aversão arrasadora, irrestrita, que sobe e se avoluma como vômito das profundezas dessa ou daquela miséria. Essa aversão é um dos componentes do fanatismo, onde quer que ele se manifeste.

Por exemplo, uma ideia que surgiu há cerca de meio século como um conceito inovador e instigante, do multiculturalismo e da política das identidades, tornou-se rapidamente, em muitos lugares, uma política de ódio às identidades; o que começou como uma ampliação do horizonte cultural e emocional cada vez mais se degenera em uma realidade de horizontes bloqueados, de introversão, de ódio ao outro — em resumo, uma nova onda de aversão ao próximo e de um fanatismo crescente, que aumenta a partir de várias direções.

Talvez meus tempos de infância em Jerusalém tenham me capacitado a ser de certa forma um especialista em “fa-

natismo comparado”. Nos anos 1940, em Jerusalém, havia não poucos corações e mentes abertos, e esclarecidos, mas lá havia também uma multidão de profetas, redentores e messias autoproclamados. Até os dias de hoje, para cada dois ou três jerosolimitas há uma fórmula particular para a salvação num piscar de olhos. Claro que muitos deles dizem, referindo-se a si mesmos, como nas palavras de uma antiga canção sionista, que estão em Jerusalém para “nela construir e ser construído”, no entanto entre eles há não poucos judeus, muçulmanos, cristãos, revolucionários, radicais, “consertadores do mundo”, que vieram para Jerusalém não para “nela construir e ser construído”, e sim, talvez, para nela crucificar e ser crucificado.

Um conhecido transtorno psíquico ganhou a denominação médica de “síndrome de Jerusalém”: as pessoas respiram o ar da montanha “límpido como o vinho” e imediatamente se levantam e vão atear fogo numa mesquita ou explodir uma igreja ou profanar uma sinagoga, matar hereges ou crentes, “varrer o mal do mundo”. Em geral, porém, basta aos portadores dessa síndrome despir todas as roupas, escalar uma rocha e começar a profetizar.

Talvez só uns poucos acreditem nesses profetizadores, mas eles são muitos, de todos os matizes do arco-íris. O que é comum a todos é o ímpeto de concretizar alguma fórmula simples de salvação, e às vezes, também, de apontar os malvados de cuja presença é preciso purificar o mundo para

alcançar a redenção. A própria redenção, para a maioria desses profetizadores, pode ser comprimida sem dificuldade alguma num mote com duas ou três sentenças.

Durante a minha infância em Jerusalém, eu também era um pequeno fanático sionista-nacionalista, dono da verdade, entusiasta e doutrinado. Era cego a qualquer argumento que discordasse da narrativa judaico-sionista que nos era passada por quase todos os adultos. Surdo a toda alegação que desafiasse essa narrativa. Assim como as outras crianças do bairro de Kerem Avraham, eu também atirava pedras em todo veículo das patrulhas britânicas que passava em nossa ruazinha. Enquanto atirávamos as pedras, lançávamos, num grito, quase todo o tesouro vocabular do inglês que conhecíamos: “*British, go home!!!*”. Tudo isso aconteceu em 1946 ou 1947, no fim do mandato britânico em Jerusalém, nos dias da intifada original — a nossa intifada, dos judeus, contra a conquista britânica (esse também é, aparentemente, um pequeno exemplo da ironia da história).

No romance *Pantera no porão*,* contei as experiências por que passei ao descobrir de repente que às vezes há coisas no mundo que podem ser vistas de mais de uma maneira; há confrontos que não se podem definir em termos de preto no branco. No último ano do mandato britânico, quando eu

* *Pantera no porão*. Trad. de Isa Mara Lando e Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. [Esta e as demais notas chamadas por asterisco são do tradutor.]

tinha oito anos, fiz amizade com um guarda inglês que falava um hebraico antigo e sabia quase toda a Bíblia hebraica de cor. Era um homem gordo, asmático, emotivo e talvez um pouco perturbado, que acreditava entusiasticamente que o retorno do povo judeu a sua antiga terra anunciava a redenção do mundo inteiro.

Quando descobriram essa ligação, meus colegas me chamaram de traidor. Muitos dias depois, eu comecei lentamente a me consolar com a ideia de que, para os fanáticos, traidor é aquele que ousa mudar. Os fanáticos, de todos os tipos, e em todo lugar, têm medo dele e desconfiam que essa mudança não passa de traição, por motivos obscuros e vis.

O menino no livro *Pantera no porão* entra na história como um sionista fanático, ardente em sua percepção de justiça, mas em cerca de duas semanas ele descobre, para seu espanto, que existem no mundo coisas que podem ser vistas de um modo, mas também de outro totalmente diferente. Com essa descoberta, ele perde sua infantilidade, porém é recompensado com a experiência de ver o mundo se alargar diante de si, e até mesmo com a graça de um primeiro indício de benevolência feminina.

Não bastassem todas essas maravilhas, o menino da história também é agraciado com certa especialização no campo do fanatismo comparado. Ele descobre que mais de uma vez o ódio cego faz com que os que se odeiam de ambos os lados da barricada sejam quase idênticos um ao outro.

Não, o termo “fanatismo comparado” com toda a certeza não é uma piada. Talvez tenha mesmo chegado o tempo no qual toda universidade, toda escola, todo instituto educacional devam incluir dois ou três cursos sobre fanatismo comparado, pois o fanatismo vem se fechando cada vez mais sobre nós, em Israel e em muitos lugares em todo o mundo, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul. E certamente não se trata apenas do fanatismo islâmico. Em diferentes lugares avolumam-se ondas perigosas de fanatismo religioso cristão (nos Estados Unidos, na Rússia, em alguns países da Europa oriental), ondas turvas de fanatismo religioso judaico, ondas sombrias de nacionalismo introvertido e xenóforo na Europa ocidental e oriental, e uma inundação crescente de racismo em várias sociedades.

O fanatismo, em quase toda a sociedade judaica israelense, em todas as suas variantes e seus tipos, chegou com os judeus da Europa. Da Europa oriental veio o fanatismo revolucionário dos pioneiros-fundadores, que se obstinaram em reconfigurar todo o povo de Israel, e até em apagar todos os legados dos egressos das diásporas, para fazer crescer aqui, com o braço estendido, um “novo homem”. Da Europa vieram também o fanatismo nacionalista e o culto do militarismo, junto com todos os delírios da grandeza imperial. Também da Europa veio o fanatismo religioso, que se fecha num gueto fortificado e se defende de tudo que é diferente.

Mas foram os imigrantes dos países orientais que trou-

xeram para cá um legado de gerações de moderação, de relativa tolerância religiosa e o hábito de viver em harmonia também com quem não se parece com eles.

E assim, bem diante de nossos olhos, o fanatismo “europeu”, em seus diversos tipos, vai apagando, cada vez mais, a moderação dos judeus orientais.

Como vimos, talvez uma das causas para o aumento do fanatismo seja a avidez cada vez mais acentuada por soluções simples e contundentes, pela salvação “de um golpe só”. Além disso, estamos todos nos afastando dos horrores que aconteceram na primeira metade do século xx: Stálin e Hitler, sem que fosse essa sua intenção, fizeram com que duas ou três gerações que lhes sucederam desenvolvessem um temor profundo ante todo extremismo e, em certa medida, uma contenção dos instintos que levam ao fanatismo. Durante algumas dezenas de anos, graças aos maiores assassinos que o século xx conheceu, racistas se envergonhavam um pouco de seu racismo, quem estava cheio de ódio reprimia um pouco seu ódio, e os redutos de fanatismo no mundo controlavam um pouco suas manifestações, talvez não em toda parte, mas pelo menos em alguns lugares.

Nos anos mais recentes parece que esse “tributo” de Stálin, de Hitler, dos militaristas japoneses, está se aproximando de seu prazo de validade. A vacinação parcial que recebemos está se esgotando; ódio, fanatismo, aversão ao outro e ao diferente, brutalidade revolucionária, o fervor em “esma-

gar definitivamente todos os malvados mediante um banho de sangue”, tudo isso está ressurgindo.

O fanatismo não é território particular da Al-Qaeda e do Estado Islâmico, Jabhat a-Nusra, Hamas e Hezbollah, neonazistas e antissemitas e adeptos da “supremacia branca” e islamófobos e Ku Klux Klan e os brutamontes das colinas* e todos os que derramam sangue alheio em nome de suas crenças. Todos esses fanáticos, e seus semelhantes, são conhecidos por todos nós. Eles nos são apresentados diariamente nas telas da televisão, enquanto vociferam, agitam os punhos com ira para as lentes das câmeras, gritam nos microfones todo tipo de motes rouquinhos. Esses são os fanáticos visíveis a olho nu. Minha filha Galia Oz dirigiu há alguns anos um documentário transmitido pelo Canal 1 que traça um retrato profundo e assustador das raízes do fanatismo e suas manifestações no subterrâneo judaico nos assentamentos.

Mas existem tipos menos evidentes e menos expostos de fanáticos; eles são abundantes à nossa volta, e às vezes entre nós também. Até mesmo no dia a dia da sociedade e entre as pessoas que conhecemos bem vislumbram-se manifestações, não necessariamente violentas, de fanatismo. Aqui e ali é possível deparar, por exemplo, com a reação de

* Grupo de ativistas israelenses de direita que agem com brutalidade, agredindo fisicamente palestinos e outros adversários.